

# O Gaiato



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 6 de Outubro de 1979 \* Ano XXXVI — N.º 928 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## AQUI, LISBOA!

● Já nestas colunas referimos o problema da pílula para o extermínio das pessoas idosas e doentes, alertando os Leitores para a gravidade do facto e suas implicações, numa época em que se colocam no mesmo saco bem e mal, justiça e injustiça, valores e antivalores, deixando ao capricho de cada um ou do de pequenos mas aguerridos grupos o tom por que se deve reger a vida social. Ora, sendo a supressão de qualquer ser humano objectivamente um crime e «não matarás» um Mandamento explícito, é nossa obrigação estrita denunciar tudo aquilo que possa induzir directa ou indirectamente a qualquer tipo de homicídio, sejam quais forem as razões alegadas ou os objectivos em vista. A vida de cada homem é sagrada e a ninguém é dado o direito de contra ela atentar. Pensar ao contrário seria renegar a nossa própria condição humana e aceitar a bestialização do homem.

Por especial gentileza dos distribuidores do «Paris Match» chegaram-nos às mãos o último número de Julho e o primeiro de Agosto daquela conhecida revista. Yves de Saint-Agnès, jornalista francês, casado com uma sueca, apresenta-nos documentada reportagem sobre aquilo que ele apelida «O infernal paraíso sueco». Para lá de factos e de perspectivas dignas de registo, sobretudo pela vileza e pela amoralidade monstruosa a que chegou uma sociedade muitas vezes apontada como modelo, que não desejaríamos ver aliás, seguido em grande parte, na Terra que nos viu nascer, o articulista aponta o chamado caso do Hospital de Malmö, que resumimos a seguir. Eis: a morte dolorosa de uma anciã de 79 anos leva à descoberta do assassinato de mais 26 pessoas idosas, no período de quatro meses, com um produto tóxico, dado como remédio. O caso provocou um grande alarido, como é natural, mas infelizmente não pensamos que obteve unanimidade nas reacções havidas. Um professor da Universidade de Upsala, um dos principais responsáveis da associação «O Direito à morte», veio afirmar em seu nome que «sempre pensámos que tais coisas deveriam acontecer mais tarde ou mais cedo»; outro professor acrescenta «sentir compaixão pelos doentes incuráveis» e que a sua supressão, do estilo «arsénio e rendas velhas» tem, segundo alguns, o triplo efeito de ajudar os desgraçados a deixar este vale de lágrimas, de limpar o país duma escória que pesa no orçamento, e de originar vagas nos hospitais superlotados, onde outros doentes, com melhor aspecto, poderão ser admitidos; de maneira mais radical, uma mulher (?) de letras, escreveu: «As pessoas idosas e doentes são dejectos», declarando ainda, que, sentindo repulsa pela decadência humana, é preciso a intervenção do Estado e a criação dum «corpo de auxiliares da morte».

A falta de respeito e de atenção pelos doentes incuráveis e pelas pessoas idosas, que detectamos na sociedade portuguesa, levam-nos a temer situações análogas às apontadas, se é que não se encontram já presentes. Um materialismo dissolvente, a que repugna os valores do espírito, vai corroendo tudo e todos. O egoísmo de muitos e a ingratidão de não poucos fazem olvidar os deveres mais sagrados, esquecendo até que os alcatruzes da nora vão sucessivamente passando e que chegará, porventura, a vez deles.

Continua na QUARTA página

## DOCTRINA

Uma tarefa rude, dolorosa, que não teve coragem de afrontar sem a preparação de um breve repouso reanimador das forças que os anos e a vida vão gastando:

Trata-se de escolher para as oito vagas que conseguimos inventar numa Casa em reconstrução, de capacidade, pois, diminuída, os candidatos que, em número de muitas dezenas, aguardam vez. Estas muitas dezenas em lista de espera são o sobran-te da eliminação de talvez outras tantas que, por várias razões, estão fora do nosso alcance.

Deformados pela posição da tónica no económico, muitos pensam que somos hoje menos procurados. Nunca o fomos tanto! Embora comecem a reaparecer mais casos, vindos da fome, a avalanche provém da derrocada da instituição familiar: família que nunca houve; família que se desfez; ou família que não é capaz.

Os problemas de cada Rapaz arrastam-nos quase sempre ao problema dos seus ascendentes e colaterais. Receber o Rapaz não é tudo. Falta todo um resto de estruturas que atendam às causas que o trouxeram e as procurem remediar, para que se não repitam em efeitos da mesma espécie. Ao nosso acolhimento do Rapaz, deveria, razoavelmente, corresponder uma Assistência criteriosa à Família, assistida, por sua vez, por mecanismos legais largos de vistas e desenferrujados na acção. A eficácia desta Assistência depende menos de verbas, do que da mentalidade e dedicação dos seus agentes e da colaboração homogénea dos vários sectores chamados a intervir.

Relembro o grito daquela mãe ébria, por cujo filha íamos: — Quem precisava de ser internada era eu!

«In vino veritas» — diz o provérbio. Talvez aquela mulher, nas breves ausências do álcool, não consentisse facilmente no seu internamento... Mas havia de haver quem o promovesse, para ela não continuar vegetando na mesma lama, como acontece.

(...) «O António Manuel é órfão de mãe desde há três anos... melhor diria, órfão, simplesmente, porque o pai o expulsou de casa e não quer saber dele. Tem 12 anos. Frequentou a Escola Primária e terminou a 4.ª classe. É inteligente e gosta tanto de estudar que, embora entregue a si mesmo, comendo da caridade dos vizinhos, dormindo pelos palheiros ou ao ar livre, não faltava um só dia à Escola e, apesar de descalço e esfarrapado, viam-no sempre na Missa, ao domingo, e sempre assíduo à Catequese. A sua vida é triste. O pai, um alcoólico e atrasado mental, depois da morte da mãe escorraçou-o de casa, refazendo a sua vida com outra mulher»(...)

O António Manuel será nosso. Mas, do irmão de 17 anos, rejeitado como ele e mergulhado já na marginalidade — quem se ocupa? E da irmã de 14 anos, atrasada mental? E do próprio pai, alcoólico e atrasado tam-

bém? Ele juntou-se a outra mulher. Naturalmente há a probabilidade de mais filhos... Com este passado-presente, que se espera do futuro?!

De Cascais, outro S. O. S.:  
«Tenho quatro filhos. Fui abandonada pelo marido. Há quase dois anos que não sei do paradeiro dele. Não tenho meios de manutenção para eles. Consegui internar as duas garotas. Venho-lhes pedir que me internem o rapazinho. Ficando eu assim com o mais novo, poderia trabalhar e refazer a minha vida. Encontro-me numa situação bastante aflitiva, pois até da casa onde vivia fui corrida por falta de pagamento das rendas e hoje nem lar tenho.»

Outro tipo de mal, muito comum. Casal desfeito; ignorância do paradeiro do pai (com

Cont. na 4.ª pág.



De Sintra chega-nos este apelo:

É o João Manuel — o «Samoca» — de sorriso nos lábios. Dantes, não ria... Era «Lixo das ruas»!

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Paço de Sousa

**VISITA** — Recebemos o Ernesto Nuno, que os leitores devem lembrar pelos poemas transcritos nesta coluna.

Almoçou connosco e deu uma voltinha pela quinta para conhecer as nossas instalações. Segundo ele, gostou do nosso acolhimento.

**FÉRIAS** — Esteve connosco o sr. Harry da Holanda. Faz todos os anos uma digressão, aproveitando as férias, e nunca se esquece de nós, de todas as nossas Comunidades. Os mais pequenitos ficam sempre satisfeitos com as suas histórias e anedotas, ao passo que os mais velhos também riem do seu bom humor e gostam muito de fazer comparações entre os dois Países. Gostamos de o receber, pela companhia muito amiga e pelo seu bom humor.

**SILOS** — Grande parte do nosso milho foi ensilado para servir de pasto às nossas vacas. A malta andou por lá vários dias, até ao escurecer, para a ensilagem ser feita antes das vindimas.

Agora, que o silo está cheio, vão começar as vindimas que, este ano, vão demorar mais tempo, pois temos muito vinho. Entretanto, as aulas estão quase a começar e há que mobilizar malta das várias oficinas. Talvez quando estiverem a ler esta coluna se esteja a processar a vindima num clima de alegria e boa disposição, como sempre aconteceu nesta época do ano, em nossa Casa.



Zé Alberto e Ana Paula casaram em nossa Capela de Paço de Sousa.

O Serafim será o guia e o tractorista oficial, e, como sempre, lá estará para ver se os mais pequenos comem uvas demais, por causa da barriga e dos seus problemas...

**FESTIVAL DESPORTIVO VINDIMAS-79** — Ainda não terminou o Festival. Só daremos a conhecer as classificações na próxima edição.

Entretanto, o Festival decorre na maior serenidade, ainda que, por vezes, apareçam ligeiros problemas: enganos de nomes, trocas, etc. Mas isso é natural e acontece a muito boa gente.

A encerrar o Festival o Rancho Folclórico de Paço de Sousa e o nosso Conjunto animarão a entrega dos prémios aos atletas mais bem classificados.

**CARAS NOVAS** — Temos recebido algumas caras novas. A princípio desconfiados, tímidos, mas com o passar dos dias os moços fazem amigos e ficam tranquilos.

É vê-los à padiola, outros de vasoura na mão a preparar a avenida para as provas do Festival, etc.

É uma alegria sentirem-se em família e com amigos feitos no trabalho e na brincadeira diária.

São uns a entrar e outros a sair.

**TROPA** — Mais três Rapazes nossos foram incorporados em Setembro: Santana, «Meno» e Costa Marinho. Oxalá estejam bem com a sua nova vida e não haja problemas.

Outros ficam aguardando o momento da chamada. Entretanto, o Mário, o «Faisca» e o Germano já acabaram o Serviço Militar.

**AUGUSTO** — O nosso Augusto é um Rapaz um pouco desajeitado. Outro dia, à hora do Terço, verifiquei que trazia a roupa suja. — «Do trabalho!» — disse ele. Como não tinha cinto, resolveu ir arrancar algumas piteiras para com elas fazer uns suspensórios!

Há dias, recebemos uma caixa cheia deles, mas o Augusto ainda não deveria saber.

— Tira as piteiras e vai ao sapateiro buscar suspensórios para segurares as calças!

E foi.

«Marcelino»

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

**AUTO-CONSTRUÇÃO** — Batemos à porta de uma moradia bem estruturada, em acabamento. O herói da acção retido no leito por doença... resultante de sacrifícios pela sua promoção e dos seus. Ergue-se da cama num repente, sorriso nos lábios, como quem procura ofuscar a dor física! «Estou com baixa...» Entretanto chega a esposa mais as filhas. «Tenho cinco. Só raparigas!»

Ali é zona tranquila, em monte sobranceiro ao Vale do Sousa. Noutros tempos, ao lado do nosso anfitrião, gozaram nobres sua nobreza, em bela vivenda agora quase em ruínas.

Ele ainda não terminou a obra, mas já lhe demos uma ajuda substancial. «Há-de ir com tempo...» — afirma

com radiosa esperança. «Há-de ir com tempo...» E o nosso companheiro de viagem intervém prontamente: — «Ele faz tudo de tudo! A moradia é feita quase só por ele. E bem feita!» Quem havia de dizer, sendo como é, um profissional de Artes Gráficas na cidade do Porto?!

Estes quadros vivos, que a gente topa a cada passo, escondidos entre os montes, são uma afirmação das reais potencialidades do nosso Povo; uma tremenda condenação para quem se preocupa mais com palvreado do que com a acção de se dar efectivamente a mão aos mais sacrificados Investidores do nosso País.

Só dinheiro não chega!... É preciso criar estruturas isentas, de apoio total à Auto-construção espontânea nos meios rurais.

Apesar de as barracas já serem quase figuras de museu, por estes lados, há uma tremenda falta de moradias — como em todo o País. Famílias amontoadas em casas que não foram destinadas a *albergues*. E não existe inflação de barracas exactamente por via da Auto-construção espontânea, de mais ninguém; que as chamadas *casas económicas* são erguidas só lá nos meios urbanos ou suburbanos..., esquecendo-se zonas de migrações alternantes, como a nossa, *dormitório* do grande Porto...!

**PARTILHA** — Rua das Amoreiras, Lisboa, 300\$00, «habitual ajuda, um pouco atrasada, por isso vai de três meses; e para o Natal, se Deus quiser, serão os outros três».

Duas presenças de um bom Amigo, ora no Fundão: 200\$00 «para comemorar o fim das minhas férias e a maneira como decorreram» e 300\$00 «pelo aniversário do falecimento de minha Mãe».

Mais presenças amigas de Cinfães e Albergaria-a-Velha. «Uma nulidade» com 1.500\$00, repetindo o gesto de Humildade. Abençoado seja Deus!

Assinante (que foi) do Seixal, ora em Paço de Arcos, nunca falha! Aqui vão 2.000\$00 — partilha do seu vencimento.

«Velha Amiga» lisboeta, com «um abraço amigo» e 100\$00. Presença muito perseverante.

Envelope discreto da assinante 19177. Mais outro de «Dois Irmãos Unidos». No Espelho da Moda: 250\$00 de Maria, 250\$00 por «alma de Joaquim e Albertina» e 1.000\$00 do assinante 13519, correspondentes «aos meses de Setembro e Outubro».

«Uma portuense qualquer» mandou duas remessas; a primeira é «migalhina relativa ao mês de Julho, acrescida de mais um pouco retirado do meu subsídio de férias, a lembrar aqueles que nunca tiveram possibilidades de gozar uns dias de merecidas férias durante uma vida dura de trabalho». Quem diria melhor?!

Outra vez Porto com 80\$00 pela mão de Isabel, que desabafa: «É pouco, bem sei, mas também sou pobre, estou doente». Os nossos votos de melhores. Mais Porto com 200\$00 da Rua de Cedofeita «por alma dos meus queridos Pais». Um cheque de Belazaima «comemorando o aniversário do meu filho e pedindo ao Senhor a Sua bênção para eles». E mais nada.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Azurara

O 4.º turno de praia chegou ao fim e terei de ser eu, que sempre contestei o silêncio dos nossos cronistas, a escrever umas linhas sobre Azurara!...

Em tempo de férias a boa disposição tem de ser a tônica marcante. Pois não faltou o bom humor de alguns Rapazes que deram um ar da sua graça.

Em pleno Setembro sentimos a acalmia do vento e o sol quente, o que contribuiu para que pudéssemos passar 18 dias agradavelmente.

Não posso deixar de salientar o convívio com os Rapazes de uma Colónia de Férias perto de nossa Casa. Quase todos os dias recebiam a nossa visita. À noite, íamos até lá para conversarmos e alguns até para lerem o jornal diário. Por volta das 11,30h. distribuíamos pelos seus rapazes pão com manteiga, bolachas e leite e não se escusavam a oferecer-nos.

Também, mais tarde, fizemos um convite ao monitor e sua esposa para almoçarem em nossa Casa. Convite aceite, no dia seguinte lá estavam prontos a satisfazer o nosso desejo. A ementa constou de puré com carne de frango, sopa de legumes e sobremesa.

Gostaram muito da comida e, no fim, tiveram a excelente ideia de tirar uma foto ao nosso turno para recordação.

Uns dias mais tarde, e correspondendo à amizade já travada, fizeram o convite ao Morgado para se incorporar num passeio que levaram a efeito nos últimos dias de estadia na Colónia Balnear.

Já na despedida, convidaram-nos a participar em provas desportivas: damas, voleibol e atletismo. Ficámos nos primeiros lugares em damas e atletismo, porque em voleibol levámos uma destas «cabazadas»!...

E assim passou o último dia num convívio e numa tarde desportiva que terminou na oferta de um lanche a todos nós. Gostámos imenso, não só pela simplicidade mas pela grandeza da confraternização cheia de significado.

À noite, os mais velhos foram até lá entoar canções com uma viola e assim passámos um serão agradável que terminou com um lanche conjunto. Esta experiência, com aqueles jovens, foi ótima; tão amigos dos outros mas cheios de problemas da vida, não que os tivessem em força mas pelo conforto que os pais lhes dão, não os deixando sentir dificuldades pessoais.

O monitor do grupo contou-nos, aquando do almoço connosco, que presenciou uma cena que ilustra as minhas palavras.

E disse: — «Outro dia o pai de um dos Rapazes que nós lá temos neste grupo veio até cá visitá-lo e deu uma nota ao filho. Entretanto ele foi tomar banho ao mar e esqueceu-se de guardar o dinheiro, molhando-o. Quando o rapaz chegou à Colónia disse ao pai o que tinha acontecido. Então o

pai aprontou-se de imediato a dar-lhe outro tanto».

Este convívio veio dar-nos um tom diferente daquele a que sempre estivemos habituados em nossas férias balneares.

Os banhos de mar eram sempre tomados com toda a satisfação e logo de seguida os corpos expostos ao sol iam ficando morenos.

De registar aqui, também, um agradecimento e os nossos parabéns aos cozinheiros (mais especializados) que durante todo o turno procuraram cumprir o seu dever com alegria e dedicação à causa.

Os responsáveis foram o Costa e o Humberto que souberam manter a calma e ajudaram muito na boa disposição.

E como fizeram todos os outros turnos, o último dia foi de festa. A comida levou mais preparativos e fizemos pudins, aletria e mais guloseimas — a base da nossa festa de despedida. As canções e o saltar da fogueira ocuparam o tempo dos nossos Rapazes até o sono aparecer.

Os nossos agradecimentos à Fábrica das conservas de peixe e de Chocolates Imperial pela amável dádiva de conservas e chocolates, respectivamente. Também pelo livre-trânsito dado aos nossos vendedores de turno nas respectivas Fábricas.

O Oliveira foi o nosso melhor vendedor, cumpridor e certo nas contas.

Oxalá este grupo de 20 e tal Rapazes possa estar novamente reunido para o ano, já que a boa disposição e a amizade existentes entre todos foram óptimas.

«Marcelino»

## Carta de uma Jovem

«A vós, Casa do Gaiato, envio estas palavras e um vale de correio de 200\$00 para a assinatura de O GAIATO.

É pouco, mas para mim dar-vos isto é como dar uma grande quantia.

Sou estudante. Tenho 15 anos. O meu primeiro mês de férias fui fazer um estágio para uma fábrica onde meu pai é empregado e desse pouco consegui retirar um pouco para vós — do meu primeiro trabalho.

Espero, quando puder, mandar mais qualquer coisa.

Deus vos proteja e a todas as pessoas, mas principalmente aos que mais precisam; que nos dê forças para andarmos para a frente em paz e amor».

Há muitos Jovens assim, pelo mundo fora, como esta Maria, de Cacia. São a Esperança do Amanhã. Corações ao Alto!

# Do que nós necessitamos

Ainda ofertas de Escolas que nos visitaram e que não foram incluídas na última crónica. 2.452\$50 dos alunos da Escola Industrial de Ovar. 500\$ da Escola de Pousadela — Feira e 500\$ de um visitante. Duma Escola de Gondomar: roupas, calçado, 1.000\$ e muito amor pelos gaiatos. De uma de Santo Tirso, 421\$40. Da Escola de Merelim (S. Paio), 500\$. Escola anexa da Sé Nova — Braga, 1.000\$. De crianças do Colégio Lusó-Francês: roupas, calçado, rebuçados e 545\$. Mais de Carvalhos, 1.650\$. E das Escolas de Baguim — Rio Tinto: duas caixas de bolachas, dois sacos de rebuçados e quantias várias.

De Lousada, 150\$ por uma graça recebida. Em cumprimento duma promessa, 1.000\$ de Lisboa. Anónima de Cucujães — Moinhos, com 1.000\$. Assinante 14481, do Porto, com 10 contos. Por alma de Valentim, 200\$. De Braga, 1.000\$. Dos colaboradores do Porto da Sociedade de Electricidade Brown Boveri, 750\$. De um anónimo de Joane, 500\$. Em cumprimento duma promessa, 1.200\$ de Coimbra. E 1.000\$ de Nelas, sufragando a alma dum familiar. E 500\$ da mãe dos «Piões». De um pedido feito numa Missa celebrada na nossa Capela, pela mulher do João Maciel, 1.744\$40. Entre-

que por uma amiga de Maria Pinto, 5.000\$. De visitantes, 1.710\$. Anónimo de Vila Real com 3.000\$. E vale de 200\$, de Braga, «lembrando a Cruz de Malanje».

Do Pároco de Avanca, 1.000\$. Pelas mãos de alguém: «Duma amiga de Lisboa» 500\$. No convívio da Efacec e pelo «desgaste» das cordas das violas, 1.500\$. E 3.000\$ da Lourinhã.

Do Fundão, a presença de sempre. Cem escudos do Porto. Os habituais 100\$ em selos de correio que todos os meses nos chegam da Amadora. Duas camisolas interiores de Urros (Moncorvo). Mais um embrulho com roupas, de Gaia. Os 700\$ mensais de Ermesinde. Mil e quinhentos de Mariana. Em sufrágio de Ana da Conceição, 50\$ mais 50\$. De um grupo de funcionários da Alfândega do Porto e por alma de Manuel João Tomé Correia, companheiro de trabalho, 1.695\$. Maria Teresa com 300\$ pelas melhoras da sua saúde. Mil de Georgina. «A promessa que a minha gratidão não esquece», com 150\$. «Multas pela passagem de ano de meu filho», 3.650\$. Multas destas são benéficas!

Quinhentos quilos de peixe e 500\$ de um jovem Piloto, que assim quis celebrar a sua primeira viagem aos mares do bacalhau. Boa sorte, Amigo!

Mais 5.000\$ «pela boa educação de meus filhos». Em sufrágio de Victor Manuel Lopes, 90\$. De duas famílias inglesas, 1.000\$. De Quitéria, 100\$. Ass. 4746 com 1.000\$. De anónimo, entregue no Lar do Porto, 2.000\$. Mais donativos entregues no Lar: 800\$, 150\$, 1.000\$ por alma de Carlos da Silva, 150\$, 930 francos franceses e 100\$ por alma de Manuel Correia. Mil de Lisboa. Uma viola para Malanje, de Gaia. Cinco contos de Tomar. 1.840\$ do Lar da Foz e das Biscainhas. Visitante com mil. Dum taxista amigo, 200\$ de Leça do Balio. Duma Paróquia de Fomalhão que nos visitou, 3.965\$. Mais 6.000\$ de Ermesinde. E o donativo anual de Amigo do Porto, com 30 contos. Da «Mãe que cre em Deus», 700\$. Vale de 1.000\$, do Porto, «pela felicidade dos meus filhos». Assim pedimos, como para os nossos.

Do Porto 3.000\$, percentagens do subsídio de férias, de duas irmãs e sua saudosa mãe. Quinhentos de Gaia. Os 1.000\$ mensais da Av. João XXI, em Lisboa. De Lousada, 200\$ por alma de José Neto Magalhães. Da Comunidade Portuguesa de Kaiserslautern — Alemanha, cheque de 6.297\$. Em memória de Cecília dos Santos Leite, grande amiga desta Obra, cheque de 30 mil escudos. Vale de 500\$ dos funcionários da Direcção-Geral da Marinha do Comércio. E 150\$, importância apurada numa capelinha particular na Vermiosa. Duzentos de Lisboa. Anónima de Rio Tinto com 1.000\$. De Coimbra «250\$ produto dos juros de títulos que eram de minha filha e que envio por sua alma». De Braga, de duas Marias pobres e doentes, 500\$. Como sempre e desde há anos, cá recebemos a visita dum grupo de Pessoal da Fábrica de Malhas Marão e do seu mealheiro deixaram-nos 8.020\$.

«De uma disputa entre dois colegas», 150\$ do Porto. E 1.000\$, «um bocadinho do primeiro ordenado de meu filho». Dois mil e quinhentos esc. da Minerolusa. Donativos de Vila Real somaram 733\$. De dois hóspedes do Lar do Comércio, que nos visitaram, 70\$. De promessa a Pai Américo, 5.000\$ dum diminuído físico. Três mil de Águeda, «por alma dos que me são mais queridos». E mil no dia da comunhão solene dos nossos rapazes. 3.270\$ ofertório da Missa em acção de graças a Pai Américo, oferta do pessoal da Cerâmica de Valadares. E mais 6.090\$ dos mesmos. Recebemos cheque de 5.000\$ de M. A. B. de Gaia. De Coimbra, 1.000\$. De «Uma Mãe agradecida», de Matosinhos, 1.500\$ produto da venda da cama de seu filho Rogério. 5.400\$ de anónimo do Porto. Seis contos dum Maria Rosa, de Gaia. Ass. 3393, com 100\$, por alma de uma amiga de infância.

De «Uma Mãe muito triste»

1.000\$. De uma graça recebida, 500\$ do Porto. Mil de um aumento. Por alma de Marina, 500\$. Assinante da Madalena com 600\$. Anónimo com 100\$ pelas almas do Purgatório. Os 70\$ habituais de Clara e José Flores. Por alma de António Luís dos Santos, 2.000\$ de Filomena. Mais 889\$ de peditério feito na Missa de convívio dos Velhinhos de S. Lázaro — Porto. Cento e cinquenta duma Irmã do Hospital de Amaranha, amiga do nosso «Pencova». 100\$ do Bairro da Pasteleira pedindo orações. De Melgaço, 500\$ em cumprimento duma promessa. Duzentos e vinte de Espinho, «em acção de graças pela saúde de minha filha». E 2.500\$ para a compra de livros para a nossa biblioteca. Trezentos dum assinante de Gaia, oferta dum colega de trabalho. E, da Figueira da Foz, a presença de sempre e 250\$ mensais.

Mais presenças de 100\$, de «velha» assinante do Monte Estoril. Quinhentos de anónimo, por uma graça. Maria Júlia com 4.000\$, em cumprimento duma promessa. Ass. 32716

com 100\$, lembrando seus familiares. Dois mil de Afife, dum futura mãe. Ass. 19823, com 1.000\$. De Fiães, 500\$ mensais. Mais 20\$ de Lisboa. Cem de Ovar. Num «mealheiro» feito dum lata de laca vazia, migalhas que somaram 915\$. De Franqueira & Gameira, 1.000\$. Igual quantia do Porto, por graça concedida. Assinante de Viseu, 1.000\$, «pedacinho de uma gratificação que teve o meu filho». E lamenta, esta nossa Amiga, o não termos passado por lá com a nossa Festa. O seu lamento deve ser endereçado à nossa Casa de Miranda do Corvo, que percorre várias terras do Centro, na ocasião delas. E de «uma portuense qualquer» 1.000\$. «É a minha gratidão que me leva a escrever estas linhas, pois muito devo a Pai Américo pelo bem que tem feito à minha alma através da sua vida, dos seus livros e também dos Padres seus continuadores.»

E é tudo por hoje. Obrigado.

Manuel Pinto

## Lar Operário em Lamego

Foi muito positiva a estadia, em Samodães, do grupo de jovens alemães que deram início aos trabalhos do «Jardim Infantil». Era cada um de seu lado, conheceram-se sómente em viagem, mas desde a primeira hora que formaram um bloco único e muito amigo. O que pertencia a um, pertencia a todos; e o pouco ou muito que existia (às vezes um simples chocolate ou cigarro) era dividido.

Ainda houve quem pensasse que eles vinham para se divertir ou passar férias dum maneira vulgar. Foi ao contrário; mostraram-se trabalhadores e satisfeitos quando as redes começavam a subir. Nos poucos tempos livres conviviam com todos e criaram amizades. Na última noite juntaram-se com os amigos e deram e levaram endereços, datas de aniversário, trocaram lembranças. Houve dias em que os trabalhos foram mais duros e o calor mais intenso. Na hora de relatar essas actividades, faziam-no com boa disposição e graça, mostrando às vezes as «marcas» que tinham ficado na carne.

Foi através do Movimento dos Companheiros Construtores, com sede em Coimbra, que eles chegaram até nós. «Milhares de pessoas vivem em condições miseráveis. Não têm o mínimo para que possam viver medianamente felizes. Para tais é um fenómeno alguém preocupar-se com a sua sorte sem a discutir ou a tagarelar muito.» No tempo de férias há uma oportunidade de as passar num «trabalho prático, social e útil», aqui ou além. Jovens trabalham em campos dos Companheiros Construtores, edificando casas para famílias em

condições económicas débeis, salões sociais, fontenários, abrindo e reparando caminhos, estradas, cooperando em trabalhos agrícolas de utilidade comunitária.

A Elisabeth, a Frederika, a Susana, o Thomás e o Paulo, em Samodães, naqueles vinte dias, tiveram como principal objectivo (o que é próprio do Movimento) a elevação do nível cultural e a promoção sócio-económica da população. Num domingo quiseram fazer uma festa com as crianças. Foi uma tarde cheia de entusiasmo e alegria. Houve provas desportivas, competições, prémios, canções e lanche. Toda a população se movimentou. Nisto também deixaram ficar o modelo para repetir tardes recreativas com os mais novos e interessar os mais velhos. Ficaram a par das reais situações da vida dos habitantes de Samodães. Diante do que observaram, voluntariamente se ofereceram para nas suas terras conseguirem cooperação e promoverem recolher donativos para que o «Jardim» vá por diante.

Quem pode dizer mal da juventude? Quem não aprecia o Movimento dos Companheiros Construtores? Quem vai já pensar nas próximas férias e inscrever-se no Movimento?

Há sócios Companheiros que dão o seu trabalho, e sócios amigos dos Companheiros que oferecem dinheiro. Assim aconteceu em Samodães. Os 10 mil escudos que se gastaram com a alimentação e instalação do grupo, foram dados pelos Amigos do «Jardim Infantil».

Para todos vai o carinho das nossas crianças e o seu agradecimento.

Padre Duarte

### RETALHOS DE VIDA

## O «BALEIA»



Chamo-me Fernando Félix dos Santos, sendo natural do concelho de Torres Vedras, onde nasci há 18 anos.

Vivi numa terra chamada Abrunheira com meus pais, mas, por estes se darem mal, a vida da nossa família tornou-se insuportável. Meu pai era alcoólico e batia muito na minha mãe; esta fugiu de nossa casa para a do meu avô, levando os meus dois irmãos mais novos. Eu fiquei com meu pai morando num barracão de gado.\*

Entretanto, o senhor Prior da freguesia soube do caso e arranjou para eu ir para a Casa do Gaiato. Tinha então sete anos.

Quando cheguei aqui fui integrado no grupo dos mais novos, começando por varrer ruas e fazendo depois as mais variadas obrigações. Puseram-me o apelido de «Baleia».

Feita a Instrução Primária, estudei só até ao oitavo ano de escolaridade, por me sentir fraco de vontade. A Televisão teve para mim um aspecto negativo. Foi pena não ter querido ou sabido aproveitar as oportunidades que me foram dadas. É que gostava muito de ser Professor Primário...

Depois de ter andado algum tempo a trabalhar no campo acabei por ingressar na tipografia. Vou fazendo alguma coisa, mas não estou certo de ser essa a minha vocação.

Já estava na Casa há dois anos quando veio para cá outro dos meus irmãos, o Pedro, que vai fazer 16 anos e anda a estudar.

Termino os meus retalhos de vida para os amigos Leitores fazerem ideia, ainda que ligeira, da vida de um gaiato.

Um abraço para todos e até uma próxima oportunidade.

Fernando Félix dos Santos («Baleia»)

# Partilhando

A nossa presença chegam constantemente os mais variados testemunhos de sofrimento humano.

Para além dos pedidos de admissão de rapazes, sustentados por situações marcadas pela dor, que nos chegam pessoalmente, ou pelo correio, abeirram-se de nós os mais diversos problemas. Há quem venha apenas desabafar, o que nos leva a pensar como tantos irmãos nossos sofrem na solidão, no segredo. São pessoas de idade que nos dizem das suas angústias e preocupações por aqueles que geraram e tantas vezes se esquecem dos seus pais. São doentes que, além da doença, suportam carências materiais e afectivas. São chefes de família sem condições de fazer frente aos encargos que a mesma acarreta. São famílias a braços com toda a série de problemas nas-

cidos da descolonização, etc...

Quem vem até nós, na sua maior parte, são aqueles que não têm voz para gritar nas ruas ou força para fazer reivindicações. Os seus problemas não vêm nas páginas dos diários, nem alimentam a reflexão daqueles que se preocupam superficialmente com os problemas dos Outros.

São na verdade casos vivos, cheios de força dramática, mas encerrados na fraqueza de quem os vive e suporta no dia-a-dia e vinte e quatro horas em cada dia. Encerram frutos da ignorância própria, do abandono dos Outros, de estruturas sociais deficientes. Frutos motivados por culpas que se espe- lham por todos nós.

Alguns dos testemunhos esmagam-nos pela sua heroicidade, verdadeiro preço que têm a pagar à vida os Pobres. Dentre eles sobressai, neste mo-

mento, no meu espírito, o de uma mulher que vem até nós com frequência. Casou, teve sete filhos com pequenos intervalos. Gerado o sétimo, o marido morreu. Viúva sem condições materiais, sete filhos pequenos. Dos sete, cinco são fortemente deficientes mentais. Incapazes de qualquer trabalho, não falam, mas extremamente nervosos, não param,

o que os tornam muito cansativos. A dor de ver assim os filhos, sem os poder deixar em casa para ir trabalhar, vivendo de pequenas ajudas de quem se tem compadecido dela, é o preço que tem que pagar em cada dia.

Conseguiu internar há anos um dos mais velhos. Também duas filhas que têm agora à roda de vinte anos. Os outros estão com ela.

Vem regularmente até aqui procurando alguma ajuda. Tem o rosto vincado pelas tempestades da vida. Mas, apesar disso, o olhar é sereno. Quando

fala, mostra-nos o amor que tem aos filhos. Mas está cansada. Tão cansada, que será difícil imaginarmos quanto cansaço a atormenta.

Há dias, disse-me:

— Só desejava uma coisa: Internar os meus filhos em casas próprias para eles e que Deus me desse só um ano de vida para eu o passar sossegada, sem ter que andar a procurar comida para os meus filhos, sem o barulho deles. E ao fim desse ano que Deus me levasse para o Outro Mundo.

Padre Abel

Cont. da 1.ª pág.

maior frequência vão aparecendo também as mães desaparecidas, em parte incerta); os filhos «arrumam-se» como pode ser — atentado ao Direito da Criança a uma Família.

Quem vai saber dos pais? Quem os obriga ao cumprimento dos seus deveres? Entretanto a criança, mesmo que acolhida em estabelecimento capaz, é vítima, frequentemente inadaptada, porque teve um lar próprio e nele devia permanecer. Sabe de pais para cada lado, irmãos ali, outros acolá — e ninguém a defende da fatalidade desta dispersão.

Só mais um exemplo, entre tantos que aqui desfiaríamos, se o espaço no jornal e o respeito pela sensibilidade dos leitores (que, aliás, para bem e por bem ousamos ferir) nos não travassem:

«Muito desejava a sua ajuda. Trata-se de um rapazinho de 11 anos. O pai espanca-o desde pe-

## DOCTRINA

quenino, odeia-o, dá-lhe muitos maus tratos. A mãe vê-se em apuros e esgotou já todos os esforços para conseguir que o pai o considere e trate com carinho, como filho que é. A criança, no dizer da mãe, é bastante dócil e inteiramente normal.

Não é uma família miserável. Os pais ganham relativamente bem. Podem e não se escusam a contribuir conforme o que for combinado.»

Aqui há posses. Até um lar que se não desmanchou. Há problemas do foro psiquiátrico que uma Assistência à Família adequada (que ela não deve ser só nem sobretudo para o económico) levaria aos Serviços Jurisdicionais de Menores e estes deveriam chamar a si e fazer tratar. Mas, quê?! se para além de uma grande movimentação do mercado do papel e da ma-

nutenção de vários postos de trabalho, a ineficiência é a regra, quer pelo arrastamento dos processos, quer pela debilidade da lei (parece que mais virada para o statu quo dos adultos do que para a defesa dos Direitos da Criança) quer pela falta da tal colaboração homogênea e das estruturas indispensáveis de que acima escrevi.

É assim que, ao esforço nada fácil de «fazer de cada Rapaz um homem», se junta a angústia permanente deste desfile de problemas humanos a que não podemos dar a mão e que vão engrossar o caudal já imenso, senão de marginais, pelo menos de homens traumatizados para a vida toda — perspectiva nada optimista para os dias de amanhã.

Padre Carlos

## AQUI, LISBOA!

Continuação da PRIMEIRA página

Mesmo nos hospitais, nas casas de saúde e nas famílias, às vezes ditas cristãs, não há lugar em plenitude para os idosos e para os incuráveis, porque estorvo a uma vida sem preocupações, nada produzindo na visão pragmatista corrente, antes fautores de despesas e de trabalhos incómodos.

Para terminar transcrevemos o artigo I da «Declaração dos Direitos das Pessoas Idosas»: «A pessoa idosa tem direito à existência física, o que implica: — a segurança física e a salvaguarda em tempo de guerra como em tempo de paz e, especialmente, em caso de catástrofes sociais ou naturais; — a conservação da sua saúde através de uma ajuda e de medidas apropriadas de instalações adaptadas à higiene, de cuidados e de assistência geriátrica; — o direito a uma vida normal com possibilidades de manter o contacto com a Natureza.» Palavras bonitas, que os homens papagueiam com facilidade, mas que, muitas vezes, se esvaziam do seu justo e salutar conteúdo, pela inoperância, pelo esquecimento ou pela malvadez dos mesmos homens, tornados piores que bestas, sem sentimentos nem dignidade, famos a dizer, essas sim, «dejectos».

● Política sem verdade é demagogia, é falsidade. Infelizmente, quando os políticos abrem a boca, não raro, mais valia estarem calados. Ao menos que houvesse bom senso.

Aqui há anos, poucos anos depois da guerra, veio um sr. Deputado, por sinal bem rico, em cuja casa se gastavam dezenas de contos por mês, afirmar, a propósito dum aviso-prévio então em discussão, que por 16\$00 a 18\$00 diários, uma família de 3 a 5 pessoas se podia abastecer no mercado dos produtos necessários ao seu sustento; agora, pela Televisão, vêm-nos dizer que uma «dieta cuidada feita em nossa casa custa 1.650\$00!» Estarão a brincar connosco? Será que os Responsáveis deste País vão às praças, aos talhos, às peixarias ou aos supermercados? Quanto custa uma posta de peixe ou um bife de 100 gramas? Por quanto fica uma refeição, ainda que modesta, será da ciência dos nossos Políticos? Ai, que as pessoas, às vezes, por tão alto pairarem, nada percebem das coisas terrestres! É que um ser vivente, por mais frugal que seja, precisa de três refeições diárias, precisamos não esquecer. Temos bom senso e fuçamos do ridículo. De resto, brincar com coisas sérias é triste e deplorável, sobretudo quando estão em causa valores vitais, como são os do pão para a boca de cada um.

Padre Luiz

## TRIBUNA DE COIMBRA

Fico sempre tão triste quando olho para os nossos mais pequeninos e os vejo à procura de sorrisos e carinhos! Vejo que agora é muito fácil limpármos-lhes o nariz e darmos-lhes beijinhos. Mas quando crescerem e se sentirem vítimas não-de sentir na própria vida o abandono dos pais e os pecados duma sociedade que permite e aceita tudo isto.

Dois têm três anos e têm cá irmãozitos pouco mais velhos. Dão-se as mãos e brincam juntos. Nas horas em que todos os outros andam ocupados nos seus trabalhos, estes vão para o campo e correm ao encontro de bolas que correm à sua frente. Passam parte do tempo a brincar junto à fonte e a molhar bíbes e o resto da roupa na bica que corre e chama toda a gente. Que linda é a nossa fonte!

O pai de dois tem vindo algumas vezes e tem trazido uma companheira de aspecto e apresentação muito estranhos. A mãe também já tem

aparecido e acompanhada dum rapaz novo a quem chama «o meu homem». Dizem que esta mãe tem sido muito infeliz com os homens que têm sido pais dos seus filhos.

O pai de quatro que estamos a criar nunca veio ver os filhos e nunca perfiçou o mais velho. Agora foi a mãe que abandonou e foi à procura de «vida» para parte incerta. Mães vítimas. Mães escravas. Quem compra estas mães? Quem pode conter nas mãos este dinheiro escaldante?

Fico sempre tão triste quando olho para estes nossos mais pequeninos e os vejo agora despreocupados e vejo o mundo também despreocupado com eles e muito encantado com inventos e conquistas. Quem vale mais? Onde está o verdadeiro valor? No homem ou nas coisas?

Senhor, nesta manhã, eu Te ofereço todos os homens.

Padre Horácio



Director: Padre Carlos  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 37.500 exemplares